

RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 01/09/2025.

Fellipe de Souza Gualberto Leite

Jornalismo e destaque:

uma análise discursiva de destaques em *threads* e no jornal impresso da Folha de S Paulo

São José do Rio Preto
2023

Fellipe de Souza Gualberto Leite

Jornalismo e destacamento:

uma análise discursiva de destacamentos em *threads* e no jornal impresso da Folha de S Paulo

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES – Processo:
88887.625837/2021-00

Orientador: Prof^a. Dr^a. Érika de Moraes

São José do Rio Preto
2023

Leite, Fellipe de Souza Gualberto.

Jornalismo e destaque: uma análise discursiva de
destacamentos em threads e no jornal impresso da Folha de S Paulo /
Fellipe de Souza Gualberto Leite. -- São José do Rio Preto, 2023
232 f. : il., tabs.

Orientadora: Érika de Moraes

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho" (Unesp),
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto

1. Destacamento. 2. Aforização. 3. Jornalismo. 4. Análise do
discurso. 5. Tecnotexto. 6. Twitter. 7. Sintaxe do destaque I.
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) II.
Título.

Fellipe de Souza Gualberto Leite

Jornalismo e destacamento:

uma análise discursiva de destacamentos em *threads* e no jornal impresso da Folha de S Paulo

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES – Processo:
88887.625837/2021-00

Comissão Examinadora

Profª. Drª. Érika de Moraes
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Drª. Anna Flora Brunelli
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

Prof. Drª. Luciana Salazar Salgado.
UFSCar

São José do Rio Preto
1 de setembro de 2023

AGRADECIMENTOS

A presente dissertação é fruto de dois anos de trabalho que não seriam possíveis sem o apoio de uma grande rede de amigos, familiares, colegas e diversas outras pessoas com as quais convivi neste período. Por isso, cabe a todos esses o meu agradecimento.

Obrigado, Érika de Moraes, por ser atenciosa em todas as oportunidades e uma entusiasta da minha pesquisa desde o primeiro momento. A sua orientação suave tornou o processo desta dissertação prazeroso e rigoroso ao mesmo tempo!

Obrigado Luciana Salazar Salgado e Anna Flora Brunelli, pelas valiosas orientações no exame de qualificação. Depois de vocês esta pesquisa é outra!

Agradeço aos professores que ministraram aulas durante o mestrado: Anna Flora Brunelli, Eduardo Penhavel de Souza, Érika de Moraes, Sírio Possenti, Marize Mattos Dall Aglio Hattnher e Valéria dos Santos Guimarães.

Agradeço também ao Ibilce e todos os seus funcionários. Obrigado por todo o cuidado e empenho em esclarecer minhas dúvidas e pelo apoio em momentos de necessidade.

Sou grato aos meus familiares, obrigado João e Eliane, pais atenciosos que sempre me encorajaram na jornada acadêmica, e Giullia, irmã e companheira durante todo o processo.

E sou grato também pelos meus amigos! Todos aqueles que dividiram comigo um teto, uma sala de aula ou apenas uma tarde prazerosa. Vocês colaboraram nesta pesquisa me ajudando a manter a sanidade!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, n. de processo 88887.625837/2021-00, à qual agradeço.

“Viver em um mundo que não seja dominado pela internet, dirão elas, significaria ter que mudar tudo. Sim, é exatamente isso”

Jonathan Crary (2023, p. 16)

RESUMO

O presente trabalho parte das produções de Maingueneau acerca dos regimes de enunciação textualizante e aforizante (2010, 2014) para estudar como ocorre o processo de destacamento (MAINGUENEAU, 2014) no jornal Folha de S. Paulo em sua versão impressa e em matérias veiculadas no Twitter, na forma de *thread*. Entendemos que as formas de destacamento presentes no jornalismo impresso (como o título, o olho e a manchete) e no jornalismo digital (como a *thread*) criam aforizações (MAINGUENEAU, 2014), ou seja, enunciados integrantes de um regime enunciativo com características próprias e que fogem às regras da textualização. Desse modo, a partir dos aspectos da contemporaneidade apontados por Han (2018), dos atuais padrões do cérebro leitor defendidos por Wolf (2019), e da proposta de Moraes para uma sintaxe do destacamento (2019, 2020), analisamos as aforizações tendo como objetivo encontrar as características do gênero *thread* jornalística, avançar nos estudos da AD acerca de aforizações, estabelecer os padrões de funcionamento e regularidade que se manifestam nos destacamentos das *threads*, compreender, com base na sintaxe do destacamento (MORAES, 2019, 2020), as características típicas dos enunciados digitais na contemporaneidade, dentre outros. Para estudar as aforizações no Twitter, lançamos mão dos conceitos e da proposta de uma metodologia para a Análise do Discurso em ambiente digital criadas por Paveau (2021), pesquisadora que pontua as seis principais características do tecnodiscurso que devem ser levadas em conta pelo analista ao trabalhar com enunciados nativos digital. O *corpus* desta dissertação reúne os destacamentos presentes em cinco *threads*, para efeito de unidade, selecionamos as *threads* que têm como tema o desenvolvimento da vacina para o coronavírus e que foram publicadas no ano de 2020, além disso, também recrutamos as matérias jornalísticas correspondentes que foram publicadas no jornal impresso. Com o suporte da base teórico-metodológica da Análise do Discurso Francesa (AD), esta dissertação classifica as aforizações presentes no *corpus* segundo os enquadramentos propostos por Maingueneau (2014), fazendo a comparação entre os enquadres dos enunciados destacados no jornal impresso e na versão digital. Como resultados, observamos a presença majoritária de aforizações dos enquadres informacional e testemunhal em ambas as mídias, indicando que as características enunciativas do tipo discurso jornalístico se mantém no ambiente digital, apesar deste permitir formatos diferentes dos presentes na mídia impressa. Também detectamos no hipergênero *thread* uma espécie de retorno à enunciação textualizante, devido ao fato de esse reunir diversos enunciados do regime de

enunciação aforizante em uma nova unidade, devolvendo-os à lógica do texto, na qual é possível fazer sentido de forma mais “completa”.

Palavras-chave: Destacamento. Aforização. Jornalismo. Análise do discurso. Tecnotexto. Twitter. Sintaxe do destacamento.

RÉSUMÉ

Le présent travail part des productions de Maingueneau sur les régimes d'énonciation textualisante et aphorisante (2010, 2014) pour étudier comment se produit le processus de détachement (MAINGUENEAU, 2014) dans le journal Folha de S. Paulo en sa version imprimée et dans les articles publiés en line en Twitter, sous forme de *thread*. On comprend que les formes de détachement présentes dans le journalisme imprimé (comme le titre, le surtitre, la manchette) et dans le journalisme numérique (comme le *thread*) créent des aphorisations (MAINGUENEAU, 2014), c'est-à-dire des énoncés qui s'inscrivent dans un régime énonciatif avec des caractéristiques propres et qui échappent aux règles de textualisation. Ainsi, à partir des aspects contemporains soulignés par Han (2018), des schémas actuels du cerveau lecteur défendus par Wolf (2019) et de la proposition de Moraes pour une syntaxe du détachement (2019, 2020), nous analysons les aphorisations en prenant comme L'objectif est de retrouver les caractéristiques de genre *threads* journalistique, de faire avancer les études AD sur les aphorisations, d'établir les schémas de fonctionnement et de régularité qui se manifestent dans les détachements dans *threads*, de comprendre, à partir de la syntaxe du détachement (MORAES, 2019, 2020), les caractéristiques typiques des énoncés numériques contemporains, entre autres. Pour étudier les aphorisations sur Twitter, nous avons utilisé les concepts et la proposition d'une méthodologie d'analyse du discours dans un environnement numérique créée par Paveau (2021), un chercheur qui souligne les six caractéristiques principales du technodiscours qui doivent être prises en compte par l'analyste lorsqu'il travaille. avec des énoncés numériques natifs. Le corpus de cette thèse regroupe les détachement présents dans cinq *threads*, dans un souci d'unité, nous avons sélectionné les *threads* qui ont pour thème le développement du vaccin contre le coronavirus et qui ont été publiés en 2020, par ailleurs, nous avons également recruté les articles journalistiques correspondants publiés dans le journal imprimé. Avec l'appui des bases théorico-méthodologiques de l'Analyse du Discours Français (AD), cette thèse classe les aphorisations présentes dans le corpus selon les cadres proposés par Maingueneau (2014), en comparant les cadres des énoncés mis en évidence dans l'imprimé. journal et dans la version numérique. En conséquence, nous avons observé la présence majoritaire d'aphorisations de cadres informationnels et testimoniaux dans les deux médias, ce qui indique que les caractéristiques énonciatives du type discours journalistique se maintiennent même dans l'environnement numérique, si celui-ci permet des genres différents de ceux présents dans la presse écrite. Nous avons également détecté dans l'hypergenre *thread* une sorte de retour à

l'énonciation textualisante, du fait qu'il s'agit d'un format qui rassemble plusieurs énoncés du régime de énnunciacion aphorissante dans une nouvelle unité, les renvoyant à la logique du texte, dans lequel il est possible de donner un sens à une forme plus « complète ».

Mots-clés: Détachement. Aphorisation. Journalisme. Analyse du Discours. Technotexte. Twitter. Syntaxe du détachement.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Exemplo de aforização extraída do texto jornalístico	58
Figura 2 - Exemplo de aforização extraída de fala da fonte	59
Figura 3 - Exemplo de tuíte antes da mudança de gestão	73
Figura 4 - Exemplo de um mesmo tuíte após a mudança de gestão	74
Figura 5 - Exemplo de uso do selo de verificação para espalhar desinformação	76
Figura 6 - Exemplo de tuíte com selo prata	77
Figura 7 - Exemplo de tuíte feito por um assinante do Twitter Blue	78
Figura 8 - Exemplo do elemento tecnodiscursivo que indicava o dispositivo usado	79
Figura 9 - Exemplo do elemento tecnodiscursivo visualizações	80
Figura 10 - Exemplo de <i>thread</i> jornalística	81
Figura 11 - Representação do Campo da comunicação, tipos de discurso presentes e gêneros jornalísticos	93
Figura 12 - Primeira edição do jornal Folha de S. Paulo, à época chamado de Folha da Noite	107
Figura 13 - Edição do jornal Folha de S. Paulo de 1971	107
Figura 14 - Edição do jornal Folha de S. Paulo de 2021	108
Figura 15 - Botão que leva ao scan da versão impressa do jornal	118
Figura 16 - 1º Tuíte da 1ª <i>thread</i>	122
Figura 17 - 6º tuíte da 1ª <i>thread</i>	125
Figura 18 - Texto-fonte “O que o turista precisa saber sobre o coronavírus”	125
Figura 19 - 11º tuíte da 1ª <i>thread</i>	126
Figura 20 - 1º e 2º tuíte da 1ª <i>thread</i>	127
Figura 21 - 12º tuíte da 1ª <i>thread</i>	128
Figura 22 - 14º tuíte da 1ª <i>thread</i>	129
Figura 23 - Manchete na lateral direita: “Crianças precisam saber sobre vírus com clareza, dizem especialistas”	131
Figura 24 - Manchete abaixo da terceira coluna: “Celular e maquininha podem carregar vírus por mais de 4 dias”	131
Figura 25 - Manchete na lateral direita: “Folha dá livre acesso a conteúdo sobre pandemia”	131

Figura 26 - Manchete na lateral esquerda: “Esclareça dúvidas sobre coronavírus e a Covid-19”	132
Figura 27 - Nota a lateral direita com o título em azul	133
Figura 28 - Nota com o título em azul entre colunas de uma reportagem	134
Figura 29 - 1º Tuíte da 2ª <i>thread</i>	138
Figura 30 - Texto-fonte “Putin diz que Rússia aprovou regulação da primeira vacina para Covid-19”	139
Figura 31 - 2º e 3º tuíte da 2ª <i>thread</i>	140
Figura 32 - 5º Tuíte da 2ª <i>thread</i>	141
Figura 33 - 6º Tuíte da 2ª <i>thread</i>	142
Figura 34 - 12º Tuíte da 2ª <i>thread</i>	144
Figura 35 - Dois últimos tuítes da 2ª <i>thread</i>	145
Figura 36 - Manchete principal “Sem provar eficácia, Rússia anuncia vacina contra vírus”	146
Figura 37 - Texto-fonte “Rússia dá aval a vacina contra novo coronavírus sem eficácia comprovada”	147
Figura 38 - Destacamento na forma de olho na matéria “Anvisa diz não ter recebido pedido russo de registro”	148
Figura 39 - Destacamento na forma de olho na matéria “Momento Sputnik de Putin arrisca incomodar Ocidente”	148
Figura 40 - 1º Tuíte da 3ª <i>thread</i>	153
Figura 41 - Texto-fonte “Governador de São Paulo já vacinou presidente da República”	154
Figura 42 - 2º Tuíte da 3ª <i>thread</i>	155
Figura 43 - 3º Tuíte da 3ª <i>thread</i>	156
Figura 44 - 4º Tuíte da 3ª <i>thread</i>	157
Figura 45 - Último tuíte da 3ª <i>thread</i>	159
Figura 46 - Texto-fonte “Governador de São Paulo já vacinou presidente da República contra gripe”	161
Figura 47 - 1º Tuíte da 4ª <i>thread</i>	165
Figura 48 - Ambiente acessado ao clicar na #COVID19, um espaço que une todos os tuítes que usaram este termo	166

Figura 49 - Texto-fonte “Governo russo diz que vacina Sputnik V também tem mais de 90% de eficácia contra Covid”	168
Figura 50 - 3º Tuíte da 4ª <i>thread</i>	168
Figura 51 - 5º Tuíte da 4ª <i>thread</i>	169
Figura 52 - Texto-fonte “Coronavac produz anticorpos contra Covid em 97% dos participantes, revelam dados publicados”	170
Figura 53 - 10º Tuíte da 4ª <i>thread</i>	171
Figura 54 - Texto-fonte “Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo”	171
Figura 55 - Quinto parágrafo do texto-fonte “Vacina de Oxford contra Covid-19 induz resposta imunológica em adultos de todas as idades, diz estudo”	172
Figura 56 - 6º Tuíte da 4ª <i>thread</i>	173
Figura 57 - Manchete principal “Vacina para Covid, anuncia farmacêutica, é 90% eficaz”	176
Figura 58 - Manchete na lateral esquerda “Moderna afirma que eficácia de sua vacina é de quase 95%”	177
Figura 59 - Manchete principal “Pfizer conclui testes e diz que vacina é 95% eficaz”	177
Figura 60 - Manchete na lateral direita inferior da capa “Coronavac produz anticorpos em 97% dos participantes”	178
Figura 61 - Manchete “Testes da vacina de Oxford obtêm resultados positivos”	178
Figura 62 - Texto-fonte “Imunizante da Pfizer tem 90% de eficácia em análise preliminar” diagramado junto da matéria “Rússia afirma que Sputnik V também tem 90% de eficácia”	179
Figura 63 - Destacamento na forma de olho na matéria “Pfizer anuncia que vacina é segura e 95% eficaz”	180
Figura 64 - 1º Tuíte da 5ª <i>thread</i>	187
Figura 65 - Intertítulo do texto-fonte “Veja verdades e mentiras sobre a vacina contra Covid-19”	188
Figura 66 - Tuíte 16C da 5ª <i>thread</i>	188
Figura 67 - Tuítes 19C e 20C da 5ª <i>thread</i>	190
Figura 68 - Tuítes 16C e 17C da 5ª <i>thread</i>	191
Figura 69 - Tuítes 14B e 15B da 5ª <i>thread</i>	192
Figura 70 - Tuíte 16B da 5ª <i>thread</i>	193

Figura 71 - 6º e 7º tuítes da 5ª <i>thread</i>	194
Figura 72 - 2º tuíte da 5ª <i>thread</i>	195
Figura 73 - 4º tuíte da 5ª <i>thread</i>	195
Figura 74 - Tuíte 21C da 5ª <i>thread</i>	196
Figura 75 - Tuítes 26C e 27C da 5ª <i>thread</i>	198
Figura 76 - Tuíte 28C da 5ª <i>thread</i>	199
Figura 77 - Tuítes 29C e 30C da 5ª <i>thread</i>	200
Figura 78 - Últimos tuítes da 5ª <i>thread</i>	201
Figura 79 - Editorial “A máquina contra a vacina”	203
Figura 80 - Nota entre as colunas de uma notícia	204
Figura 81 - Texto-fonte “Anvisa suspende testes da vacina Coronavac”	205
Figura 82 - Manchete “Anvisa interrompe testes da Coronavac por evento adverso”	206
Figura 83 - Manchete na lateral direita da capa “MP da vacinação terá termo de consentimento para isentar a União”	206
Figura 84 - Manchete na lateral direita “Crescem ansiedade e tristeza em jovens, aponta pesquisa”	207
Figura 85 - Manchete principal “Bolsonaro festeja suspensão de vacina; SP critica medida”	207
Figura 86 - Manchete na lateral esquerda na forma de olho com fala do ministro Pazuello	208
Figura 87 - Editorial “Pazuello, o tranquilão”	209
Figura 88 - Destacamento na forma de olho na matéria “Bolsonaro festeja suspensão de teste de vacina; SP cobra resposta da Anvisa”	211
Figura 89 - Destacamento na forma de olho na matéria “Bolsonaro diz que vacina chinesa não transmite segurança por sua origem”	212
Figura 90 - Destacamentos na forma de olho na matéria “Pesquisa aponta aumento de tristeza e ansiedade em jovens na pandemia”	213

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Material de análise	66
Tabela 2 – Estrutura da primeira <i>thread</i>	120
Tabela 3 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a primeira <i>thread</i>	129
Tabela 4 – Estrutura da segunda <i>thread</i>	136
Tabela 5 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a segunda <i>thread</i>	145
Tabela 6 – Estrutura da terceira <i>thread</i>	151
Tabela 7 – Estrutura da quarta <i>thread</i>	163
Tabela 8 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a quarta <i>thread</i>	174
Tabela 9 – Estrutura da quinta <i>thread</i>	183
Tabela 10 – Destacamentos nos textos impressos correspondentes a quinta <i>thread</i>	201
Tabela 11 – Destacamento nas <i>threads</i>	216
Tabela 12 – Destacamento no impresso	217

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 O DISCURSO JORNALÍSTICO	27
2.1 O discurso jornalístico, seus Outros e o interdiscurso	30
2.2 As balizas éticas do discurso jornalístico e a visão da Análise do Discurso	35
2.3 As ferramentas do discurso jornalístico	39
3 DESTACAMENTO, AFORIZAÇÕES E ENQUADRAMENTOS	42
3.1 A aforização e a enunciação aforizante	46
3.2 O problema entre a aforização e o jornalismo	50
3.3 Os enquadramentos, interpretando aforizações	57
4 O TECNODISCURSO: CARACTERÍSTICAS E METODOLOGIA	64
5 AS THREADS JORNALÍSTICAS E A RELAÇÃO ENTRE JORNALISMO E SITES DE REDES SOCIAIS	70
5.1 O Twitter, o tuíte e a thread	71
5.2 O jornalismo no Twitter	82
5.3 As threads jornalísticas da Folha de S. Paulo	86
6 AS THREADS JORNALÍSTICAS COMO UM TECNOGÊNERO DO DISCURSO JORNALÍSTICO	91
6.1 Gêneros web, a visão de Maingueneau	94
6.2 Tecnogêneros, a visão de Paveau	98
6.3 Gêneros web e tecnogêneros, uma conciliação entre Paveau e Maingueneau	100
7 A SINTAXE DO DESTACAMENTO	104
7.1 A sintaxe do destacamento, um olhar histórico	105
7.2 A sintaxe do destacamento, impactos na contemporaneidade	109
8 ANÁLISES DO MATERIAL	117
8.1 Thread sobre a disponibilização gratuita de matérias sobre o coronavírus	119
8.1.1 Resultados da análise	134
8.2 Thread sobre aprovação da vacina russa	136
8.2.1 Resultados da análise	149
8.3 Thread “O governador, o presidente e a vacina”	151
8.3.1 Resultados da análise	161
8.4 Thread “A quantas andam as vacinas contra a Covid19”	163
8.4.1 Resultados da análise	181
8.5 Thread “Vacinas contra Covid-19: Verdades e mentiras”	182
8.5.1 Resultados da análise	213
9 CONCLUSÕES	215
REFERÊNCIAS	228

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o Relatório Reuters publicado em junho de 2022¹, o Twitter é a quinta “rede social”² mais utilizada por brasileiros para a leitura de notícias, atuando como fonte de informação para 13% dos entrevistados e, desse modo, possuindo um impacto significativo na forma como a população nacional realiza a leitura de enunciados jornalísticos e se atualiza acerca dos acontecimentos diários. A divulgação de notícias nessa plataforma é feita tanto por empresas de comunicação e jornais quanto por usuários comuns, entretanto, nesta dissertação nos interessa especificamente o modo como a Folha de S. Paulo produz enunciados do tipo discursivo jornalístico no Twitter usando os formatos de tuíte e *thread*. A escolha desse jornal em específico é justificada pelo fato de a Folha de S. Paulo representar um exemplar de “jornalismo de referência”, conceito que descreve, segundo o trabalho de Zamin (2014) que compilou diversas definições propostas por pesquisadores da área, veículos de comunicação que tenham como características:

Tradição, prestígio e credibilidade; servir de referência a outros jornais no próprio país; voltar-se para a política, a economia e os assuntos internacionais; ter como público um leitor competente do mundo público (as elites econômica e cultural), e possuir índices elevados de tiragem e circulação (2014, p. 931)

Consideramos que a Folha de S. Paulo se caracterizaria como um jornal com “tradição, prestígio e credibilidade” uma vez que seus exemplares impressos são publicados desde 1921, ao mesmo tempo, que essa empresa também se esforça para criar certa atmosfera de prestígio por meio de ações que reforcem seus compromissos com a ética jornalística, por exemplo, através da publicação, divulgação e venda de seu Manual de Redação e pelo fato de que “em 1989, o jornal foi o primeiro veículo de comunicação do Brasil a criar o cargo de Ombudsman³” (ROCHA, 2022, p. 40). O veículo também se destaca por ser o pioneiro em mudanças tecnológicas na sua área, como quando “em 1983, a Folha tornou-se a primeira redação jornalística informatizada da América do Sul” (ROCHA, 2022, p. 40). Ademais, a

¹ Disponível em <<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2022/brazil>> Acesso em: 14 de junho de 2023.

² A definição de uma “rede social” será explorada com detalhes e com uma designação mais profunda no capítulo 5 desta dissertação, por enquanto, optamos em usar o termo entre aspas para sinalizar que o instituto Reuters considerou o Twitter como uma “rede social”.

³ Profissional em uma redação jornalística que, segundo o Manual de Redação da Folha de S. Paulo, tem a missão de ouvir reclamações do público, além de ser um “representante dos interesses do leitor, das fontes e dos personagens do noticiário na estrutura do jornal” (2021, p. 34)

Folha de S. Paulo atende aos critérios de se voltar para a cobertura de assuntos políticos, econômicos e internacionais, tendo inclusive editoriais nesses temas, e serve de referência para outros veículos de comunicação no Brasil, principalmente os de menor porte e que atuam a nível municipal.

No entanto, mesmo se dando como “referenciável”, não ignoramos as contradições históricas da Folha de S. Paulo que colocam em xeque o seu entendimento como “jornalismo de referência”, como, por exemplo, nos episódios em que houve apoio ideológico ao golpe de 64 ou o fornecimento de veículos da empresa para a operação Oban, na qual militares combateram grupos de esquerda, ambos acontecimentos que foram confirmados pela Comissão Nacional da Verdade (CNV). Em resumo, acreditamos que a Folha de S. Paulo tenha características de jornalismo de referência e, simultaneamente, abranja aspectos que possam colocar a sua confiabilidade em dúvida. Por fim, a escolha desse jornal para compor o *corpus* da presente dissertação também é justificada pelo fato de o veículo ter sido o primeiro do Brasil a usar *threads* para divulgar informações em sua conta no Twitter, sendo um exemplar rico para as análises de produções textuais jornalísticas neste formato e também na forma de tuítes.

A propósito de uma designação, elucidamos que o tuíte é definido como um tecnogênero nativo da plataforma Twitter que conta com a limitação de 280 caracteres em seus enunciados e possui uma série de características tecnodiscursivas próprias e inerentes à sua produção, como a informação da hora e local de publicação do enunciado, foto de perfil, nome do usuário e outros. Todas essas informações de natureza tecnológica atribuem sentido a um tuíte e podem mudar a sua compreensão em diferentes condições de produção.

A natureza de um tuíte, que integra a dimensão tecnológica e linguageira de um enunciado, permite que o tecnogênero lance mão de diversas mídias além do texto escrito, alguns exemplos são vídeo, gif, áudio e os emojis. Portanto, os usuários do Twitter podem usar sua criatividade para, com o uso de 280 caracteres, elementos tecnodiscursivos (como a localização do enunciator e hora de publicação) e ferramentas multimídias, contar histórias pessoais, compartilhar informações e conteúdo jornalístico, expressar convicções e opiniões ou até mesmo criar literatura. Existem ainda os usuários que hackeiam⁴ a plataforma e, comentando o próprio tuíte, dão continuidade ao seu tecnotexto, escapando do limite máximo

⁴ Por “hackear” entendemos a prática de tomar controle de funções ou ferramentas e subverter o propósito ou funcionamento inicial para a qual essas eram previstas. Segundo Silveira, “os hackers exploram as falhas dos protocolos, suas propriedades e suas formas de controle[...]”. Nesse sentido, o verbo ‘hackear’ deve ser entendido como ‘reconfigurar’, explorar novas características, ir além do que os protocolos delimitaram, buscar a superação do controle” (2010, p. 38).

de caracteres e criando o que é chamado de *thread*, um formato em que o enunciador produz um “fio” que continua a sua enunciação e permite a exploração de novos modelos textuais e enunciativos nesta plataforma.

O campo teórico da Comunicação conta com um grande número de pesquisas sobre as relações entre o Jornalismo e o Twitter, dentre os brasileiros que mais se debruçaram sobre esse assunto estão Gabriela da Silva Zago, que tratou sobre a circulação de informação jornalística no Twitter em sua dissertação de mestrado e tese de doutorado (2011b, 2014), além de escrever artigos sobre como esta plataforma é responsável por pautar, servir como fonte e influenciar as produções jornalísticas de grandes veículos de comunicação (ZAGO, 2011a); o orientador desta pesquisadora, Alex Fernando Teixeira Primo, também desenvolveu pesquisas nesse âmbito ao tratar da relação entre o Twitter, a mídia tradicional e da forma como essa plataforma pode ser usada como fonte de informação jornalística (2008, 2011); ainda no campo da Comunicação, também podemos citar um trabalho que descreve os papéis dos veículos jornalísticos no Twitter e foi efetuado por uma pesquisadora parceira desses dois últimos (RECUERO, 2011).

Por sua vez, as *threads* possuem um número menor de pesquisas realizadas. Encontramos sobre esse tema apenas um artigo sobre o modo como essas podem ser usadas para a divulgação científica (SILVA et al, 2021) e a dissertação de mestrado *Siga o fio: as possibilidades da narrativa jornalística a partir da thread no Twitter* (ROCHA, 2022) em que são analisadas *threads* jornalísticas publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo de acordo com a base metodológica da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica da Narrativa. No entanto, até o momento nenhum trabalho tratou das relações entre as *threads* e o jornalismo segundo o prisma teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, debatendo o fato de os enunciados jornalísticos nessa forma se caracterizarem como um novo gênero do tipo discursivo jornalístico, ou analisando fatores como os destacamentos, as possíveis interpretações de enquadramentos, os elementos tecnodiscursivos presentes e seus reflexos no sentido dos enunciados, o impacto da sintaxe do destacamento nessas produções e, até mesmo, as próprias características linguísticas e discursivas (no sentido ligado à Análise do Discurso) desse fenômeno, o que são justamente as propostas da presente dissertação.

Em relação ao material disponível nas *threads* e que foi recrutado para esta pesquisa, podemos afirmar que os enunciados são, em sua ampla maioria, fragmentos destacados de um texto-fonte, ou seja, trechos que são removidos de uma notícia disponível no site da Folha de S. Paulo e são publicados na conta do Twitter dessa empresa. Maingueneau já havia previsto a possibilidade desse fenômeno ao escrever sobre a tendência de destacabilidade que certos

trechos de um texto apresentam. Segundo o autor, esse conceito diz respeito às “propriedades de certas frases que as fazem ser destacadas e circular, eventualmente, fora do texto de que fizeram parte na origem” (2014, p. 7). Em resumo, a destacabilidade levaria ao destacamento e transformação do enunciado em uma aforização, revelando a existência de um outro regime de enunciação além do textualizante, no qual os enunciados não estão sujeitos aos gêneros discursivos, não se destinam “a um alocutário específico, mas a um auditório que está em outro plano” (MAINGUENEAU, 2014, p. 179) e representam “uma enunciação anterior, pela intervenção de um terceiro que converte o locutor original em uma instância – o aforizador – que é o produto da operação do destacamento enunciativo” (MAINGUENEAU, 2014, p. 180).

Segundo Maingueneau, “o desenvolvimento recente de uma configuração que associa estreitamente mídia impressa, rádio, televisão, internet e telefonia móvel permite usar em nível inigualável o destacamento” (2008a, p. 100). Reconhecemos que o destacamento tem sido usado em larga escala na comunicação midiática contemporânea, principalmente na mídia digital, e defendemos que esse também é responsável por atuar como um mecanismo que fornece ao leitor em um curto período de tempo as principais informações de um texto jornalístico, proporcionando assim uma leitura superficial e menos contextualizada de uma matéria ou notícia. Neste sentido, Byung-Chul Han, filósofo contemporâneo que estuda o digital e seus impactos na vida humana, prolonga a discussão ao afirmar que a comunicação no ambiente virtual é:

Contagante na medida em que ela ocorre imediatamente em planos emocionais ou afetivos. O contágio é uma comunicação pós-hermenêutica, que não dá verdadeiramente nada a ler ou pensar. Ela não pressupõe nenhuma leitura, que se deixa acelerar apenas de maneira limitada. Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. A mídia escrita é lenta demais para isso. (2018, p. 50)

Esse filósofo reconhece que o efeito de contágio na comunicação virtual, do excesso de informação e da viralização no ambiente digital desfavorecem a lógica estabelecida anteriormente para a obtenção de conhecimento e informação. Nas palavras do autor, o indivíduo atual é mais bem definido como um “caçador de informação”, ou seja, alguém que não espera os dados se concretizarem e que não se preocupa com contextualizações ou com a leitura completa de um texto completo para obter a informação desejada, mas que vive “em busca por presas, os caçadores de informação rondam pela rede como por um campo de caça digital” (HAN, 2018, p. 40).

Moraes, a partir da visão de uma analista do discurso, corrobora com essa afirmação ao alegar que, no ambiente digital, “é comum que se leiam apenas títulos e, se as matérias jornalísticas já são um recorte da realidade, pré-definido de acordo com uma linha editorial, estes são um ‘recorte do recorte’, um aspecto ‘destacado’ do assunto abordado, focado num certo posicionamento” (2017, p. 827). Dessa forma, podemos então entender a proposta do conceito de “sintaxe do destacamento” que, segundo a própria pesquisadora, é definido como “um elemento decisivo na discursividade contemporânea, estabelecendo a possibilidade de relações entre o funcionamento do destacamento e a potencialização da memória discursiva” (MORAES, 2020, p. 1567).

A sintaxe do destacamento sugere a existência de um “primado do destacamento”, ou seja, nos conduz ao entendimento de que a produção textual na contemporaneidade se baseia na confecção de enunciados “destacáveis”, em outras palavras, que possuem trechos que podem ser detextualizados, circularem independentemente de suas fontes no regime aforizante, e que possam atuar como “resumos” de seu material originário. Ao mesmo tempo, Moraes também ressalta que “os elementos destacados constituem aspectos importantes na formação de memória discursiva” (2020, p. 1554-1555), apontando como títulos, subtítulos, legendas, destacamentos presentes no Twitter e demais formas de destaques são, por diversas vezes, os únicos pontos de contato que um “caçador de informação” possui com o enunciado jornalístico, de forma que estes “recortes dos recortes” da realidade representariam os enunciados que seriam potencialmente fixados na memória discursiva de um sujeito.

Ainda podemos incluir neste debate as asserções de Wolf, neurocientista que estuda a leitura e os seus impactos nos seres humanos. Segundo a autora, durante o processo de aquisição da leitura:

Há genes dedicados a capacidades básicas, como a linguagem e a visão, que acabam sendo reaproveitados na formação do circuito de leitura, mas esses genes, por si só, não produzem a capacidade de ler. Para nós, seres humanos, ler é algo que tem que ser aprendido. Isso significa que precisamos de um ambiente que nos ajude a desenvolver e conectar um sortimento complexo de processos básicos e não tão básicos, de modo que cada jovem cérebro possa formar seu próprio circuito de leitura novo em folha. (WOLF, 2019, p. 27)

A plasticidade do cérebro humano, ou seja, a capacidade desse órgão de se adaptar e se desenvolver de acordo com os estímulos do ambiente, “permite-nos aprender toda sorte de atividades não planejadas geneticamente – desde fazer a primeira roda, até aprender o alfabeto ou surfar na rede” (WOLF, 2019, p. 26). Sendo assim, a pesquisadora defende que nossa

capacidade de leitura, e até mesmo os circuitos cerebrais responsáveis por essa tarefa, são impactados de forma significativa pelo tipo de conteúdo que é consumido por um indivíduo:

A origem não natural e, sim, cultural do letramento – primeiro aspecto enganosamente simples a considerar sobre a leitura – significa que os jovens leitores não têm um programa de base genética para desenvolver esses circuitos. Os circuitos do cérebro leitor são formados e desenvolvidos por fatores tanto naturais como ambientais, incluindo a mídia em que a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida. Cada mídia de leitura favorece certos processos cognitivos em detrimento de outros. (WOLF, 2019, p. 17)

Portanto, a ascensão de um ambiente digital que estimula a circulação de conteúdos destacados e de enunciados no regime de textualização aforizante pode favorecer o desenvolvimento de circuitos neurais que têm preferência por uma leitura mais rasa e superficial. Em uma dinâmica de retroalimentação, o espaço digital privilegia a escrita com base em uma sintaxe do destacamento, essa por sua vez “produz” um cérebro leitor adaptado a esse modo de escrita e que, por fim, gera leitores que buscam por novos conteúdos feitos desse modo.

Para analisar esse fenômeno e entender como o ambiente digital, ao incitar o uso de enunciados destacados, gera impactos nos modos de leitura, na construção de textos jornalísticos e na fixação de memória discursiva, as análises conduzidas nesta dissertação optaram por recrutar para o *corpus threads* jornalísticas que tratam do desenvolvimento de vacinas para o coronavírus e que foram publicadas pelo jornal Folha de S. Paulo em seu perfil no Twitter durante o ano de 2020. Esse tema foi escolhido devido a sua relevância e por ter sido o único que foi alvo de 5 diferentes *threads*, permitindo a criação de um *corpus* com temática unificada e com um número suficiente de enunciados a serem analisados. Ao mesmo tempo, também foram recrutados os textos-fonte de todos os enunciados destacados presentes nas *threads*, ou seja, as matérias jornalísticas disponíveis no site do jornal a partir das quais os enunciados foram destacados, e, para propósito de comparação, a versão impressa (ou digitalizada) de todos os textos-fonte disponíveis no site.

Ressaltamos que todas as análises conduzidas nesta pesquisa se situam dentro da base teórica e metodológica da Análise do Discurso de linha francesa (AD), uma disciplina da Linguística que se constitui a partir de uma visão integrada com outras áreas do conhecimento, com destaque privilegiado para as condições de produção de um enunciado. Ao propor os fundamentos dessa área, Pêcheux deixa claro que “fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem efetivamente ser concebidos como um funcionamento mas com a condição de acrescentar imediatamente que este funcionamento não é integralmente

linguístico” (1997, p. 78). O autor exemplifica como, em decorrência de diferentes contextos sociais e históricos, um enunciado pode assumir sentidos diversos: “a mesma declaração pode ser uma arma temível ou uma comédia ridícula segundo a posição do orador e do que ele representa” (PÊCHEUX, 1997, p. 78).

De acordo com a base teórico-metodológica da AD, o sentido de um discurso, além de estar ligado às condições de produção, também tem relação com os outros discursos que delimitam e competem com esse primeiro. Sendo assim, “o interdiscurso tem precedência sobre o discurso. Isso significa propor que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 20). Tais afirmações estão em concordância com o que foi postulado por Pêcheux sobre a interdiscursividade em *Por uma Análise Automática do Discurso* (1997): “impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, mas que é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (1997, p. 79).

O primado do interdiscurso implica que diferentes formações discursivas atuam como o “Outro” de suas concorrentes, ou seja, “a formação discursiva, ao delimitar a zona do dizível legítimo, atribuiria por isso mesmo ao Outro a zona do interdito, isto é, do dizível faltoso” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 37). Em seu livro *Gênese do Discurso* (2008b), Maingueneau criou as bases para uma Semântica Global, que seria determinante para a formação de sentido na prática discursiva, defendendo ainda que essa não é o suficiente para estabelecer uma abordagem formalista do discurso em que seu sentido seria fechado em si mesmo como uma estrutura autônoma: “o primado do interdiscurso já afeta notavelmente o caráter autônomo do modelo semântico, já que não se está mais diante de objetos fechados e compactos, mas em um espaço de circulação semântica articulado sobre uma descontinuidade fundadora” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 161). Segundo esse autor, as pesquisas na AD devem partir da perspectiva interdiscursiva sempre levando em conta as condições de produção nas quais os enunciados se situam, visão resumida em: “uma teoria válida deverá acomodar os resultados apresentados aqui e, em particular, o fato de que é antes de tudo pelo sistema de restrições semânticas que deve passar a inscrição das práticas discursivas em suas conjunturas históricas” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 160).

Por sua vez, como as análises efetuadas na presente dissertação tratam de discursos jornalísticos na forma de *thread*, propomos somar o nível tecnológico ao linguístico-histórico, uma vez que tomamos como ponto inicial o fato de que os aparelhos usados na produção e disseminação de discursos alteram o sentido de um enunciado. Segundo Maingueneau,

durante o processo de análise é preciso “reservar um lugar importante ao modo de manifestação material dos discursos, ao seu suporte, bem como ao seu modo de difusão: enunciados orais, no papel, radiofônicos, na tela do computador etc.” (2004, p. 71) e também considerar que “o mídiu não é um simples ‘meio’ de transmissão do discurso, mas que ele imprime um certo aspecto a seus conteúdos” (MAINGUENEAU, 2004, p. 71). Quando o autor reflete sobre o mídiu, ou seja, a forma como o discurso é difundido (digital, impresso, sonoro etc.), entendemos que, além disso, os componentes tecnológicos usados na produção também possuem impactos no sentido.

Ao tratar da emergência dos tecnodiscursos, ou seja, os enunciados nativos digitais que possuem suas formas profundamente afetadas e definidas pela tecnologia, sendo esta não apenas um suporte, mas também atribuidora de significado (PAVEAU, 2021, p. 31), em seu livro *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas* (2021), Marie-Anne Paveau reconhece o efeito das máquinas no sentido dos enunciados ao ressaltar que “os discursos digitais nativos não são de ordem puramente linguageira, que as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras” (2021, p. 31). Portanto, para evitar resultados incompletos em análises, um pesquisador da AD deve levar em conta também a dimensão técnica: “a marginalização da máquina, considerada um componente extralinguístico, leva a trabalhar com as formas necessariamente estereotipadas da língua e não sobre com [sic] as formas singulares, compósitas, mistas, repletas de ruídos e de impulsos do mundo” (PAVEAU, 2021, p. 30).

Entretanto, vale ressaltar que nesse processo evitamos o deslumbramento com o digital, assim dizendo, não acreditamos que os discursos nativos digitais sejam os *únicos* com uma dimensão técnica e que computadores, a internet ou a web sejam as únicas formas de tecnologia que impactam no sentido dos enunciados, ou até mesmo que essas sejam criadoras de realidades e fenômenos completamente novos e de uma revolução nunca vista antes. Em nossa visão, até mesmo itens aplicados para a escrita (como um lápis, a caneta ou a prensa de Gutenberg) também devem ser vistos como tecnologia que impõe restrições e mudanças, deixam marcas, incentivam a criatividade e são responsáveis por gerar imensos impactos no sentido e na construção dos enunciados.

Sendo assim, reconhecemos que a Internet⁵ e a Web⁶ são formas de tecnologia que modificam a criação, a circulação e impactam no sentido de um enunciado quando usadas para a produção de discursos e que, no caso específico desta dissertação, estamos tratando de enunciados nativos digitais e da forma como essas tecnologias impactam os enunciados jornalísticos. No entanto, não ignoramos que tecnologias anteriores também realizaram outros impactos diversos. Moraes já havia debatido sobre esse assunto ao afirmar que “em vez de se pensar que as novas tecnologias proporcionaram uma nova sociedade, poderíamos considerar, de modo complementar, que a sociedade é hoje tal que permitiu o surgimento e o avanço de tais tecnologias” (2017, p. 828).

Nesse sentido, defendemos que as condições de produção de um discurso seriam mais complexas do que “as relações interindividuais que se manifestam no âmago de um grupo” (COURTINE, 2009, p. 51) e as conexões entre os planos históricos, psicossociológicos e linguísticos nos quais um discurso foi produzido, sendo necessário levar em consideração a tecnologia que está por trás da produção e circulação dos enunciados para ter uma visão completa, sendo esta uma prática que deve ser adotada não apenas nesta pesquisa, mas também em outras que se sucederão e que tratem de discursos plasmados em qualquer tipo de mídiu, não apenas o digital.

No que diz respeito ao objetivo geral desta dissertação, afirmamos que essa tem como principal propósito contribuir com o avanço dos estudos da Análise do Discurso acerca dos discursos em ambiente digital, do discurso jornalístico e do discurso jornalístico no meio digital. Buscamos apresentar perspectivas teóricas sobre esses assuntos que podem ser bases para futuras pesquisas e formular análises que abram espaço para discussões de outros pesquisadores, além de proporcionar uma solidificação e ampliação dos conhecimentos sobre os temas.

Por sua vez, dentre os objetivos específicos, listamos, primeiramente, o intuito de analisar e comparar os possíveis enquadres das aforizações (MAINGUENEAU, 2014)

⁵ Por “Internet” usamos a definição de Castells (2011). O autor considera essa um sistema de comunicação com uma “rede independente de centros de comando e controle” (2011, p. 82), cujo objetivo seria enviar uma mensagem que “procurasse suas próprias rotas ao longo da rede, sendo remontada para voltar a ter sentido coerente em qualquer ponto da rede. Quando, mais tarde, a tecnologia digital permitiu o empacotamento de todos os tipos de mensagens, inclusive de som, imagens e dados, criou-se uma rede que era capaz de comunicar seus nós sem usar centros de controles” (CASTELLS, 2011, p. 82).

⁶ Por “Web” usamos a definição de Castells (2011): “Por volta de 1990 os não-iniciados ainda tinham dificuldade para usar a Internet. A capacidade de transmissão de gráficos era muito limitada, e era difícil localizar e receber informações. Um novo salto tecnológico permitiu a difusão da Internet na sociedade em geral: a criação de um novo aplicativo, a teia mundial (*world wide web* – WWW), que organizava o teor dos sítios da Internet por informação, e não por localização, oferecendo aos usuários um sistema fácil de pesquisa para procurar as informações desejadas” (2011, p. 87-88).

presentes nas *threads* jornalísticas e nos textos impressos (ou digitalizados) publicados pelo jornal Folha de S Paulo, encontrando as características e as maneiras próprias nas quais ocorre o processo de destacamento no jornalismo nesses dois diferentes mídiuns e, dessa forma, entendendo como a web impacta no processo de produção do texto jornalístico. Além disso, as análises também buscam pontuar alguns dos impactos discursivos – que se manifestam por meio da Sintaxe do destacamento (MORAES, 2019) – e cognitivos – verificados nas mudanças no cérebro leitor e no circuito de cognição (WOLF, 2019) – que são causadas pela forma de funcionamento e produção dos enunciados em ambientes digitais.

Especificamente sobre as *threads* jornalísticas, a presente dissertação tem como objetivo encontrar características típicas deste gênero, levando em consideração a compreensão de uma Sintaxe do destacamento (MORAES, 2019) e demonstrando como as *threads* jornalísticas constroem a sua cena da enunciação e cenografia (MAINGUENEAU, 2017) no ambiente digital para se caracterizarem como participantes do tipo do discurso jornalístico. Além disso, buscamos pontuar os impactos dos elementos tecnodiscursivos (PAVEAU, 2021) próprios dos tuítes no sentido das *threads*.

Durante o desenvolvimento da dissertação, ainda nos preocupamos em contribuir para a solidificação da base teórico-metodológica da Análise do Discurso, propondo uma unificação das visões de gêneros discursivos na web (MAINGUENEAU, 2017) e tecnogêneros (PAVEAU, 2021), tornando assim possível a classificação das *threads* jornalísticas como um novo tecnogênero participante do tipo discursivo jornalístico.

Por fim, os objetivos específicos também se dispõem a proporcionar bases teóricas e metodológicas para futuros estudos sobre *threads* jornalísticas ou sobre o discurso em ambiente digital, além de testar e propor uma nova metodologia de análises dentro do campo teórico-metodológico da Análise do Discurso, com base na contabilização de destacamento, apontamento das possíveis classificações de enquadres e comparação entre os dados obtidos em enunciados publicados em dois mídiuns diferentes.

A estrutura da pesquisa contará com reflexões acerca do discurso jornalístico, suas características e delimitações próprias; a introdução de noções necessárias para as análises aqui defendidas, como os conceitos de destacamento, aforização e enquadres (MAINGUENEAU, 2010 e 2014); seguida pela apresentação de conceitos fundamentais relacionados aos tecnodiscursos, como relacionalidade, ampliação e deslinearização (PAVEAU, 2021) além de discorrer sobre os procedimentos teórico-metodológicos que serão utilizados; apresentar e propor uma unificação das concepções de gêneros web (MAINGUENEAU, 2017) e tecnogêneros (PAVEAU, 2021); e da proposta de análise do

fenômeno das *threads* a partir do prisma de uma Sintaxe do Destacamento (MORAES, 2019) que seria determinante para as características do discurso em meio digital. Por fim, finalizamos a dissertação com as análises do *corpus* selecionado, resgatando todos esses conceitos, e com a apresentação de nossas conclusões e dos resultados obtidos neste processo.

9 CONCLUSÕES

Após a condução das análises realizadas nesta dissertação é possível chegar a algumas conclusões fundamentais sobre as *threads* jornalísticas, o regime de enunciação aforizante e sobre a forma como o texto se constrói na contemporaneidade, com base no primado do destaque e no entendimento de uma sintaxe do destaque.

Discorrendo sobre as *threads* jornalísticas, defendemos que essas são um novo tecnôgênero (advindo do hipergênero *thread*) do tipo de discurso jornalístico que conta com funcionamento e regularidade próprios, operando a partir de dois modos de funcionamento. No primeiro desses, as *threads* destacam partes do texto-fonte com informações incompletas, que causam dúvida ao leitor, ou chamadas que atijam a curiosidade de quem está navegando pelo Twitter. O principal objetivo das *threads* que operam dessa maneira é realizar um convite para que o leitor faça o consumo do texto completo no site do veículo de imprensa, sendo assim, os destaques nesse modo funcionam como “caça-cliques” e a *thread* pode ter a intenção de criar uma lista ou curadoria de conteúdo, fornecendo diversos links para variadas matérias de um tema que possa interessar ao leitor.

Em resumo, as *threads* jornalísticas desse modelo são usadas pelo jornal Folha de S. Paulo como um braço de captura que cria dúvidas, induz ao clique e transporta leitores do Twitter para o seu site, espaço no qual a permanência do internauta rende certa monetização para a empresa. Essa dinâmica se torna mais explícita quando o jornal recorre a aforizações pertencentes ao enquadramento informacional convidativo, ou seja, quando o leitor é nitidamente convidado à leitura da matéria completa.

Por outro lado, no segundo modo de funcionamento, as *threads* se constroem com base no destaque de trechos como o lide, título, intertítulos, frases do entrevistado ou qualquer outro componente do texto-fonte que sintetize em poucas linhas uma grande quantidade de informação. O objetivo desse modelo é resumir de forma completa os textos-fontes que estão publicados no site do veículo de imprensa. Sendo assim, esses destaques, que em sua maioria são do regime de atualidade e pertencem aos enquadres informacional e testemunhal, buscam transferir toda a informação presente no texto-fonte para o leitor de forma rápida. Nesse formato o leitor é repellido ao consumo dos textos-fontes por completo, uma vez que as principais informações já estão presentes no Twitter, sendo assim, os links disponíveis têm como função atribuir credibilidade ao destaque, demonstrando que esse foi extraído de um jornal credível, e fornecer material complementar para consulta.

Vale ressaltar que nas *threads* jornalísticas há ainda a possibilidade de utilização dos dois modos de funcionamento ao mesmo tempo, em um texto que intercala dentro de si aforizações que oferecem as principais informações presentes no texto-fonte e aforizações que convidam o leitor ao clique, causando certa curiosidade.

De outra forma, o jornal impresso apresenta apenas uma das pretensões da *thread*. O alto número de destaques no enquadre informacional comprova que, na maioria dos casos, o destacamento no texto impresso têm como objetivo transmitir informações para o público e resumir o aspecto mais importante do texto, e não convidar ou usar armadilhas para atrair o leitor ao consumo completo. Isso pode ser justificado pelo fato de que, se alguém possui o jornal impresso em mãos, provavelmente já pagou pelo item e já rendeu retorno financeiro para o veículo de imprensa, o que por meio da web só é conquistado após o clique e acesso ao site, e não na plataforma Twitter.

Enquanto o texto jornalístico publicado na web pode ser destacado por meio de *threads*, o jornal impresso realiza esse processo por meio de olhos, títulos, intertítulos, manchetes na capa e outras formas de paratexto que irão chamar a atenção do leitor. Segundo Freire, o uso desses recursos pode ser caracterizado como uma fragmentação do texto no impresso, que tem por objetivo:

Possibilitar diferentes velocidades e níveis de profundidade de leitura. O leitor com menos tempo (ou interesse) pode ser minimamente contemplado na sua necessidade por informação lendo os títulos, aberturas, olhos e peças: mais velocidade e leitura superficial. Ou pode ler a matéria completa e ter uma informação mais detalhada: menor velocidade e leitura aprofundada. (2009, p. 306)

Ao mesmo tempo, o uso de elementos como o olho, títulos e legendas realçam verbal e visualmente o texto, trazendo mais dinamicidade ao jornal impresso e servindo como um artifício estético além de informacional. Sousa aborda a importância do design no jornalismo ao afirmar que “grande parte do poder atrativo imediato dos jornais e das revistas reside no design. O design dota a imprensa de uma certa beleza à primeira vista. O design dota a imprensa de uma certa sensualidade e dá-lhe uma mais-valia emocional” (2001, p. 362).

Por fim, para proporcionar uma melhor compreensão sobre os destaques encontrados, criamos uma tabela que demonstra a recorrência dos enquadramentos nas duas mídias, ou seja, nas *threads* e no jornal impresso.

Tabela 11 - Destaques nas *threads*

Destaque nas <i>threads</i>

	Informacio nal	Testemunh al	Acional	Moralista	Hermenêut ico	Histórico	Total
Recorrênci a	66	6	1	2	1	0	76
Porcentagem	86,84%	7,89%	1,31%	2,63%	1,31%	-	100%

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 12 - Destacamento no impresso

Destacamento no impresso							
	Informacio nal	Testemunh al	Acional	Moralista	Hermenêut ico	Histórico	Total
Recorrênci a	22	10	0	0	0	0	32
Porcentagem	68,75%	31,25%	-	-	-	-	100%

Fonte: Elaborada pelo autor

Em ambos os casos os enquadres informacional e testemunhal são mais recorrentes, o que demonstra que a *thread* se adequa à semântica global e à deontologia do discurso jornalístico, tipo discursivo que privilegia a dimensão informacional dos acontecimentos (presente principalmente no enquadre informacional) e o relato de fontes envolvidas no incidente (presentes no enquadre testemunhal), em detrimento de outras aforizações que poderiam fazer asserções pessoais (enquadre moralista) ou criar certa dúvida no leitor (enquadre hermenêutico).

Vale destacar ainda que o ambiente digital permite formatos menos preocupados com as balizas éticas do jornalismo do que os gêneros “de papel” e cria um afrouxamento das regras da deontologia jornalística, esse fenômeno pode se dar pela necessidade da comunicação digital em causar engajamento, chamar atenção para ser lida etc. A presença de duas aforizações no enquadramento moralista e de uma no enquadramento hermenêutico nas *threads*, enquanto o impresso apresenta nenhuma nesses enquadres, demonstra que a web abre espaço para novas formas de destacamento menos “tradicionais” e não características do “jornalismo tradicional”.

Ressaltamos ainda que, por mais que o jornalismo esteja se apoderando de novas formas para divulgar suas produções, como é o caso da *thread* jornalísticas, a qual compreende o uso da linguagem informal, elementos icônicos como emojis e também a

prevalência de enunciados no regime aforizante, ainda é possível afirmar que, por princípio deontológico, esse gênero do discurso mantém a preocupação em informar da forma “mais isenta e imparcial possível”, conforme preceitos do jornalismo.

Partindo para o segundo ponto que queremos tratar nas conclusões desta dissertação, defendemos que os enunciados digitais estudados nesta pesquisa (tuítes presentes em *threads* jornalísticas que se caracterizam como trechos destacados de um texto-fonte disponível no site do jornal) podem ser categorizados como aforizações na medida em que correspondem a um regime de enunciação diferente do regime textualizante, um regime enunciativo que foge à lógica do texto, cria enunciados que circulam de maneira independente de seus texto-fontes e que também tentam se adequar às sete características típicas de uma aforização citadas no capítulo 3.1 e propostas por Maingueneau (2010, 2014). No entanto, por mais que esses enunciados sejam aforizações, reconhecemos que os textos presentes nos tuítes não conseguem se adequar à forma de uma aforização “perfeita”, uma vez que esta tarefa é impossível.

As marcas de que os tuítes não são aforizações “perfeitas” são encontradas, por exemplo, quando descobrimos enunciados compostos por diversos planos e com citações. Essa característica, segundo Maingueneau, é própria do regime textualizante no qual “diferentes figuras do enunciador (por exemplo a autocorreção, a concessão...), diferentes status polifônicos (citações...), diferentes planos de textos (primeiro plano/plano de fundo...)” (MAINGUENEAU, 2010, p. 14) estão presentes. As aforizações com mais de um plano são encontradas, principalmente, na última análise desta dissertação e quebram a lógica de um regime enunciativo que se planejava “pleno” e “homogêneo”.

Ao mesmo tempo, também podemos citar o fato de que, apesar das aforizações estudadas nesta dissertação circularem independentemente de seus textos-fontes, estando até mesmo inseridas em outra plataforma, essas ainda apresentam resquícios do gênero discursivo que as originou. Segundo Maingueneau, “a lógica da aforização é a de apagar tanto as marcas de inscrição num ambiente textual quanto seu pertencimento a um gênero de discurso. Ela se apresenta como tendo sido proferida em outra cena” (2014, p. 40). No entanto, os destacamentos extraídos dos textos da Folha de S. Paulo ainda contam com diversas características da enunciação jornalística, como tentar transparecer uma suposta imparcialidade e isenção. Simultaneamente, o alto número de aforizações pertencentes ao enquadramento informacional e testemunhal encontradas nesta pesquisa também podem ser consideradas características do gênero jornalístico, uma vez que a semântica global desse discurso privilegia esses enquadres ao planejar transferir informações de forma supostamente

clara e evitando enigmas (que seriam característicos do enquadramento hermenêutico) ou asserções pessoais sobre o mundo (recorrentes no enquadramento moralista). Em resumo, por mais que o regime de enunciação aforizante tenha como uma de suas características o apagamento de um gênero, as aforizações extraídas de um texto jornalístico continuam apresentando sombras de sua generacidade, mesmo que circulando em um outro ambiente separado de seu texto-fonte.

Estas ocorrências nos apontam que uma aforização nunca pode ser plena naquilo que se propõe a ser: se tornar uma frase sem texto, sempre haverá uma característica que ainda a ligará com seu texto-fonte ou irá desmascarar a sua ilusão de independência do regime textualizante. Maingueneau discorre sobre essa natureza paradoxal da aforização ao afirmar que “as enunciações textualizante e aforizante não representam as duas possibilidades de uma alternativa, como se os locutores falassem ou por textualização ou por aforização. Toda aforização intervém em uma textualização: é uma encenação construída por outro locutor” (2010, p. 24). Desse modo, como toda aforização se constrói, primeiramente, dentro de um texto, a enunciação aforizante seria apenas uma encenação, uma tentativa de construção de um utópico “texto autônomo” que funcionaria por si só, independente de seu texto-fonte ou do interdiscurso. Na verdade, nem mesmo os enunciados que são mais bem adequados a estas características podem ser, realmente, frases sem texto:

Poder-se-ia objetar que existem aforizações que poderiam ser consideradas “originais”, que nunca se encontram no entorno de um texto. Pode-se, por exemplo, pensar nas situações em que alguma personalidade carismática (o sábio zen, o *rabbi*, o grande santo...) se expressa apenas por aforizações. Na realidade, mesmo esses enunciados, que se apresentam como autônomos, são constituintes de um texto: eles se inscrevem no ritual de consulta a uma autoridade. (MAINGUENEAU, 2014, p. 62)

Os resultados encontrados nesta dissertação confirmam o que foi defendido por Maingueneau no trecho acima e demonstram marcas de como um regime enunciativo que se propõe “pleno”, “homogêneo”, “destinado a um auditório universal”, “livre de restrições dos gêneros do discurso” e “memorizável” é, na realidade, impossível. Apesar do modo de funcionamento diferente e de uma negação ao texto, a aforização não consegue jamais se libertar totalmente do enunciado que a criou.

Aplicando essa realidade ao material analisado na pesquisa, afirmamos que as aforizações presentes nas *threads* demonstram como *não existe um texto fora do texto*, nas palavras de Maingueneau: “há uma assimetria essencial entre os dois regimes de enunciação, aforizante e textualizante: a enunciação aforizante não entra na lógica do texto e do gênero do

discurso, mas ela é inevitavelmente proferida em um texto” (2010, p. 17). Os enunciados destacados que circulam no Twitter, para terem o seu sentido consolidado, se veem obrigados a apontar a sua origem, seja por meio de links e remissões ao texto fonte, ou de uma reconstrução em uma nova unidade textual: a *thread*.

As *threads* jornalísticas, nos casos estudados nesta dissertação, foram criadas a partir da junção de uma série de aforizações, ou seja, enunciados que deveriam funcionar por conta própria mas falham nesse processo, por sua própria natureza dependente do texto. Sendo assim, a *thread* (um enunciado do regime de enunciação textualizante) executa um movimento que integra diversos fragmentos detextualizados em uma nova unidade e em um novo ambiente, devolvendo-os à lógica da enunciação textualizante, na qual esses podem fazer sentido novamente, ou pelo menos, fazer sentido de forma mais clara, mais completa e com maiores informações e contextualização.

Esse tecnogênero aparenta, desse modo, ser ao mesmo tempo um retorno ao regime de enunciação textualizante e também uma negação deste, afinal, a organização e união de diversos destacamentos em uma *thread* cria um texto completamente novo que, apesar de ser longo, se “disfarça” como curto por recortar diversas partes de um ou de vários textos-fontes maiores, realidade já prevista por Maingueneau ao afirmar que:

A aforização mantém uma relação paradoxal com o texto: por natureza, ela se opõe à textualização, porém se inscreve inevitavelmente “no interior” de um texto. Em certo sentido, podemos até mesmo dizer que é o texto que ressalta a aforização, que torna saliente esse regime de enunciação que contesta (2014, p. 62).

Defendemos que a transmissão de informação, foco do discurso jornalístico, é um processo complexo e que exige enunciados criados no regime de enunciação textualizante para se efetuar, ou seja, mais longos, com contextualizações, citações, apresentação do contraditório etc. No entanto, o caçador de informação (HAN, 2018) e os usuários prototípicos da internet que foram educados pela lógica capitalista e consumista desse aparato tecnológico (BARBROOK e CAMERON, 2018) buscam um texto cada vez mais direto, rápido, sem contextualizações, livre das amarras dos gêneros discursivos, ou seja, pertencentes ao regime de enunciação aforizante. Sendo assim, a *thread*, em seu esforço para compartilhar informação no ambiente digital, não pode ser outra coisa senão uma contradição, demonstrando os indícios da necessidade daquilo que parece ser recusado e sendo um texto longo formado por várias aforizações curtas e “independentes”. A presença de aforizações, que seriam pequenas unidades textuais que “funcionam de forma independente e por conta

própria”, garantem que a *thread* não será rejeitada pelo caçador de informação e, talvez, possa até “enganá-lo”, fazendo-o ler um enunciado no regime textualizante sem que perceba, desse modo, conseguindo transmitir informação de forma mais completa e contextualizada.

Ademais, as análises sobre o tecnôgênero jornalístico *thread* presentes nesta dissertação também foram úteis para confirmar afirmações feitas sobre o terceiro ponto que queremos tratar nas conclusões: a forma como o texto se constrói na contemporaneidade. Para começar a debater esse tema, citamos Maingueneau, autor que propôs que a forma de textualização vigente seria a modular: “uma combinação de módulos ícono-verbais dispostos para que um olhar apressado escaneie o espaço comodamente” (2014 p.86), defendendo que o destaque também seria um dos módulos que compõem esse modo de escrita.

As *threads*, por sua vez, são um exemplo desse fenômeno, compostas por módulos com destaques, fotos, links e outros elementos tecnodiscursivos, essas são tecnotextos criados para adaptar à forma de textualidade modular os enunciados que foram produzidos no site do jornal ou na mídia impressa. A *thread* possui uma maior variedade de módulos quando comparada com seu texto-fonte, conta com mais portas de entrada para o leitor (oferecendo oportunidades de se aprofundar em vários textos), diferentes níveis de leitura e uma maior dinamicidade (permitindo atualizações e desdobramentos). É verdade que, como demonstrado no capítulo 7.1, a fragmentação dos textos e o predomínio da escrita modular é uma realidade que está se tornando cada vez mais consolidada há tempos, no entanto, defendemos que o ambiente digital potencializou esse processo e que as *threads* são um demonstrativo dessa realidade.

Nas *threads*, o destaque é utilizado para apresentar ao leitor os principais pontos do texto, agrupar várias matérias com um mesmo tema em um único tecnotexto, fornecer os links para diversos textos-fontes e proporcionar uma leitura rápida. Todas essas características estão ligadas à rapidez do consumo de informações no mundo digital, no qual as notícias devem ser cada vez mais ágeis e descartáveis, ao encontro do que afirma Bauman: “a perecibilidade dos noticiários enquanto informação sobre o ‘mundo real’ é em si mesma uma importante informação: a transmissão das notícias é a celebração constante e diariamente repetida da enorme velocidade da mudança” (2001, p. 146).

Se nos perguntarmos o que pode estar gerando a predominância da textualização modular e da leitura de destaques frente a enunciados no regime de enunciação textualizante, poderíamos afirmar que o funcionamento da internet pautado em uma ideologia neoliberal levou a contemporaneidade a se tornar uma condição de produção que favorece o destaque, principalmente devido ao excesso de informação e a grande quantidade de

conteúdos publicados diariamente nas mídias digitais, fatores que vão de encontro à impossibilidade humana de consumir todos estes enunciados em profundidade. O excesso de informação no ambiente digital e sua relação com o capitalismo já haviam sido apontados anteriormente pelo filósofo contemporâneo Han:

Dos *smartphones*, que prometem mais liberdade, parte uma coação fatal, a saber, uma coação da comunicação. Com isso se tem uma relação quase obsessiva, compulsória com o aparato digital. Também aqui a liberdade se inverte em coação. As redes sociais fortalecem enormemente essa pressão de comunicação. Ela resulta, em última instância, da lógica do capital. Mais comunicação significa mais capital. A circulação acelerada de comunicação e informação leva à circulação acelerada de capital (2018, p. 36)

Em outras palavras, os textos contemporâneos são, em grande escala, produzidos de forma planejada para se tornarem destacáveis, circularem rapidamente e para, por grande parte das vezes, serem consumidos apenas por meio dos destacamentos que se separam do texto-fonte e circulam por meio de outras plataformas, como a *thread* no Twitter, por exemplo. Essas são algumas das conclusões às quais Moraes (2019, 2020) havia chegado ao propor o conceito de sintaxe do destacamento. A pesquisadora avançou ainda mais ao defender que, devido ao caráter memorizante e memorizável das aforizações, essas se tornam as principais constituintes da memória discursiva contemporânea, especialmente em um cenário no qual essas podem ser os únicos pontos de contato com um texto, fato que pode ocorrer com a leitura das *threads*, de títulos de matérias que circulam pela web, ou em outras formas de detextualização de enunciados do regime de enunciação textualizante.

Em nosso entendimento, o destacamento, no sentido de Maingueneau (2014), funciona como um “condutor de leitura” e como um ponto de contato com aforizações extraídas de um texto-fonte, o que leva à constatação de que o desenvolvimento pleno da comunicação digital favorece a assunção de uma “sintaxe do destacamento”, conforme proposta de Moraes, ao defender que

Os elementos de destaque influenciam decisivamente: no tratamento da notícia, que pode ser ordinário ou alternativo, conforme Ringoot [2014]; na fixação de memória discursiva (na constituição dos microuniversos de memória); na cristalização de sentidos na discursividade contemporânea (2020, p. 1567).

Torna-se também pertinente defender, como Moraes (2020), o primado do destacamento, no qual as aforizações que saltam para fora do texto-fonte deixam de ser “somente um dos elementos do texto, mas o ponto nodal de processamento de memória discursiva, sobretudo se tomamos como topografia um ponto da história da humanidade em

que as leituras são mais fragmentadas do que profundas” (MORAES, 2020, p. 1554), as próprias características de enunciados memorizáveis do regime aforizante permitem esse fator. As *threads* que, como dito anteriormente, podem ter o intuito de resumir toda a notícia e repelir o leitor do acesso ao site, seriam um exemplo de como o destacamento é por diversas vezes o único ponto de contato do leitor com um enunciado e, assim, determinaria a fixação da memória discursiva, como prevê o conceito de sintaxe do destacamento.

Soma-se a isso o fato de que, como “os circuitos do cérebro leitor são formados e desenvolvidos por fatores tanto naturais como ambientais, incluindo a mídia em que a capacidade de ler é adquirida e desenvolvida” (WOLF, 2019, p. 17), é possível afirmar que a web (de forma mais inflamada que o impresso, apesar de a sintaxe do destacamento e a textualização modular também serem observadas nessa mídia), como ambiente de circulação de textos majoritariamente escritos na forma de textualização modular e com largo uso do destacamento e aforizações, cria um cenário no qual os leitores desenvolvem circuitos cerebrais treinados para este tipo de leitura, tornando privilegiada a existência de tecnotextos como as *threads*, e retroalimentando esse ciclo no qual leitores deixam de consumir conteúdo em profundidade. No entanto, apesar de a internet e a web favorecerem a enunciação no regime aforizante, ou seja, de enunciados curtos, sintetizantes e que se propõem como completos, a impossibilidade de uma aforização se estabelecer sozinha incentiva a criação de novas formas de retorno ao texto, como a *thread*.

Nesse sentido, ressaltamos que não acreditamos que a leitura em profundidade, o jornal impresso e outros modos de enunciação textualizante estejam com os dias contados. Os textos completos e enunciados longos continuarão a existir, afinal, como defendido na pesquisa, os links que transportam os leitores para um texto-fonte precisam estar presentes juntos a um destacamento para lhe atribuírem credibilidade. Porém, reconhecemos que nesse processo estamos em frente a grandes mudanças.

Em primeiro lugar, mudanças no percurso interpretativo, já que um tecnotexto composto por destacamentos de diversos textos-fontes não possui o mesmo conteúdo dos enunciados a partir do qual esses foram retirados. Em resumo, a leitura de uma *thread* jornalística gera outros sentidos que não são completamente iguais nem completamente diferentes daqueles originados pela leitura do texto-fonte ou do texto impresso.

Em segundo lugar, as mudanças devem impactar em uma nova forma como a memória discursiva será fixada, já que os textos escritos na forma de textualização modular irão render pontos de contato diferentes para o leitor quando comparado com os que haveria se fosse feita a leitura do texto completo. Moraes defende que o contato exclusivo com os destaques,

característico de uma sintaxe do destaque, transformará a forma como se fixa uma memória discursiva:

A memória terá matizes distintos, não significando que seja individual, mas compartilhada entre grupos, sendo que, por sua vez, cada grupo poderá também ter encontros diferentes com outros. Os pontos são infinitos, como estrelas; também são infinitas as relações possíveis, como galáxias que se interconectassem. As ligações têm relação com o posicionamento do sujeito (envolto por ideologia e inconsciente, como pressupõe a Análise do Discurso) (2020, p. 1557)

Defendemos, assim, que a sintaxe do destaque é produtora não só de sentido, o que ocorre por meio da produção de novos textos, mas também de caos. O fenômeno das *threads*, por exemplo, é pautado pela sintaxe do destaque e, à primeira vista, se apresenta como prático, gerador de resumos para grandes textos, fornecedor dos pontos mais importantes de um enunciado, uma forma fácil de obter informação rápida e como responsável pela reunião e curadoria de diversos textos sobre um tema, no entanto, na verdade a sintaxe do destaque também se revela como fruto de uma internet e de uma web criadas dentro de uma lógica capitalista, que geram excesso de informação e que acarretam processos complexos no nível discursivo, por exemplo, modificando a formação de memória discursiva, e no nível cognitivo, gerando males como a exaustão mental, a ansiedade e o *burnout*.

Han já tinha recorrido sobre esse tema ao afirmar que os seres humanos possuem uma espécie de “defesa imunológica” contra a informação, essa seria uma barreira que faria os humanos se chocarem ao entrarem em contato com determinadas informações, porém na atualidade essa realidade teria sido alterada:

A rápida circulação de informações acelera também a circulação de capital. Assim, a supressão [da barreira] imunológica cuida para que massas de informação nos adentrem sem colidirem com uma defesa imunológica. A baixa barreira imunológica fortalece o consumo de informações. A massa de informação não filtrada faz, porém, com que a percepção seja embotada. Ela é responsável por alguns distúrbios psíquicos. (2018, p. 53)

Dentre os distúrbios psíquicos acarretados pela lógica capitalista do ambiente digital, o principal citado pelo autor é a SIF:

SFI (Síndrome da Fadiga da Informação), o cansaço da informação, é a enfermidade psíquica que é causada por um excesso de informação. Os afligidos reclamam do estupor crescente das capacidades analíticas, de déficits de atenção, de inquietude generalizada ou de incapacidade de tomar responsabilidades. Em 1996 o psicólogo britânico David Lewis cunhou esse conceito. SFI se referia primeiramente àquelas pessoas que precisavam trabalhar profissionalmente por um longo tempo uma grande quantidade de informação. Hoje todos são vítimas da SFI. A razão disso é que todos

somos confrontados com quantias rapidamente crescentes de informação. (HAN, 2018, p. 53)

Passando dos impactos psíquicos do funcionamento da internet pautado em uma ideologia neoliberal para os neurológicos, se como Wolf afirma, a partir das transformações geradas pelas novas formas de leitura é possível traçar “impressionantes paralelos entre nossas mudanças culturais atuais para uma cultura digital e a transição parecida pela qual passaram os gregos desde a cultura oral para sua extraordinária cultura escrita” (2019, p. 16), podemos defender que estamos à beira de uma reestruturação significativa no comportamento humano. Se antes da popularização da escrita os poemas épicos como a Odisseia, a Ilíada e até os Vedas (textos sagrados hindus) eram passados de geração para geração oralmente, isso significa que os circuitos cerebrais dos humanos à época eram adaptados, devido à plasticidade, para uma cultura oral, exigindo uma memória (no sentido neurológico) muito mais aguçada do que a encontrada atualmente.

A revolução que foi a invenção da escrita mudou a forma como os humanos estabeleceram conexões e desenvolvem os seus cérebros, o suporte do papel tornou desnecessário o esforço de se lembrar o texto de livros inteiros, diminuindo nossa capacidade de memorização, mas criando possibilidade para novos feitos. Basta agora nos questionarmos que, se realmente estamos encarando uma mudança da cultura escrita para a cultura digital (baseada em uma leitura modular, mais rasa, que exige menos tempo de atenção e é permeada por outras formas de mídia, como vídeos, áudios e gifs e destaques), quais serão os impactos para o leitor, que “hoje com *smartphone* em mãos, é a um só tempo disperso e imersivo; transita pela leitura scanner e por outras infinitas possibilidades não lineares” (MORAES, 2019, p. 19) e também quais serão as novas ligações e redes estabelecidas nos cérebros das futuras gerações e os reflexos dessas na produção humana.

Por fim, propomos uma última reflexão neste capítulo de conclusões: um debate sobre as condições que criam essa realidade. É impossível ignorar que todos os fenômenos descritos até o momento – a ascensão da sintaxe do destaque, a fragmentação dos textos e uso de uma textualização modular, o número maior de destaques na web quando comparado ao impresso, a priorização de enunciados no regime aforizante – apesar de estarem presentes na mídia impressa, são encontrados de forma mais inflamada no texto produzido para o ambiente digital e ocorrem dentro da lógica da Ideologia Californiana (BARBROOK e CAMERON, 2018) que norteia o funcionamento da internet e da web e que leva as produções na web a

tratarem a criação de enunciados jornalísticos a partir de uma visão capitalista na qual esses são mercadoria.

Dessa forma, a internet e a web se apresentam como componentes tecnológicos que, em última instância, determinam a forma e modo de produção dos enunciados. No entanto, defendemos que, apesar de possuírem grande impacto na produção dos textos, as tecnologias digitais possuiriam um funcionamento disperso, que conseguiria disfarçar a ideologia presente na sua lógica funcionamento e que foi imposta pelos seus criadores, desenvolvedores e atuais grupos que estão em seu controle. Poderíamos, desse modo, usar a noção de “dispositivo” de Foucault para se referir a internet e a web. Segundo esse autor, um dispositivo seria uma estrutura com elementos heterogêneos e dispersos que, unidos, são responsáveis por determinar e manter certas relações de poder:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2017, p. 341)

Foucault ressalta que os dispositivos podem modificar seus elementos internos para manter o seu funcionamento e a estrutura de poder que representam, uma vez que, dentro do dispositivo “cada efeito, positivo ou negativo, desejado ou não, estabelece uma relação de ressonância ou de contradição com os outros, e exige uma rearticulação, um reajustamento dos elementos heterogêneos que surgem dispersamente” (2017, p. 342). Sendo assim, o dispositivo seria um conjunto que, uma vez instalado, seria nebuloso demais para ser notado em uma análise superficial, pois envolveria diversos elementos (discursivos e não discursivos) que podem parecer desconexos a uma primeira vista, porém, todos esses elementos trabalham juntos, se retroalimentam e se calibram para manter um certo funcionamento da sociedade e a concentração de poder em certas mãos. Poderíamos, assim, formular a hipótese de que a internet e a web, componentes tecnológicos criados por grupos de viés econômico liberal, seriam elementos que compõem um dispositivo, ou seja, replicam de forma dispersa e velada a ideologia liberal dos responsáveis pela sua criação e deixam marcas dessa ideologia, por exemplo, na produção de textos, que são levados ao extremo da fragmentação, produção excessiva, descarte etc. É evidente que essa questão é complexa e pode ser desenvolvida com mais ênfase em trabalhos futuros que tratem apenas deste tema, no entanto, julgamos válido sugerir a observação neste momento.

Para finalizar esta reflexão, trazemos mais uma citação pertinente proferida por Foucault, o autor defende que os dispositivos possuiriam uma:

Natureza essencialmente estratégica, o que supõe que trata-se no caso de uma certa manipulação das relações de força, de uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção, seja para bloqueá-las, para estabilizá-las, utilizá-las, etc... O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam. É isto, o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles (2017, p. 344)

Em resumo, defendemos que a internet e a web existem atualmente de determinada maneira não porque esse é o único modo em que essas poderiam existir, mas porque essas ferramentas tecnológicas são integrantes de um “dispositivo”, ou seja, pertencem a um jogo de manutenção do poder e são usadas por grupos capitalistas para perpetuar seu domínio. Sendo assim, seria possível criar uma “outra internet”, em que os usuários não tivessem que mudar o seu modo de leitura e até mesmo a própria configuração cerebral para se adaptarem a um “mercado de textos” e não se afogassem em um excesso de informação que os obriga a consumir apenas aforizações. No entanto, essa “outra internet” exigiria uma reforma, uma apropriação por parte da população e um esforço coletivo e consciente por uma mudança, criando sites e aplicativos voltados para o bem comum, para a conexão e comunicação, para o compartilhamento de informação, o desenvolvimento da ciência etc.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 3ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1970.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução por Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética: A Teoria do Romance**. Tradução por Aurora Fornoni Bernardini...[et al]. 5ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2002.
- BARBROOK, Richard. CAMERON, Andy. **Ideologia Californiana: uma crítica ao livre mercado nascido no Vale do Silício**. Tradução por Marcelo Träsel. União da Vitória: Editora Monstro dos Mares, 2018.
- BARONAS, Roberto Leiser. Enunciação aforizante versus textualizante: notas sobre tensões estruturais e extratextuais. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 43(3), p.1323-1331, set-dez. 2014.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução por Plínio Dentzien. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BERTRAND, Claude-Jean. **A deontologia das mídias**. Tradução por Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 1999.
- BOYD, Danah. ELLISON, Nicole. Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, 2007.
- CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Volume 1: Sociedade em rede**. Tradução por Roneide Venâncio Majer. 6ª ed., 14ª reimpressão. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2011.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução por Ângela M. S. Corrêa. 2ª ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político: O discurso comunista endereçado aos cristãos**. Tradução por Vanice Sargentini. São Paulo: EduFSCar, 2009.

FISCHER, Alice. GRODZINSKY, Frances. **The Anatomy of Programming Languages**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 2014.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da Redação: As Normas de Escrita e Conduta do Principal Jornal do País**. 22 ed. São Paulo: PubliFolha, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização por Roberto Machado. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Eduardo Nunes. O design no jornal impresso diário. Do tipográfico ao digital. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.291-310, dez. 2009.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução por Lucas Machado. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**. Tradução por Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: EDUFU, 2018.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2011.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1981.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de Comunicação**. Tradução por Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Organização por Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução por Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em Análise do Discurso**. Organização por Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva; Tradução por Adail Sobral... [et al]. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Gêneros do discurso e web: existem os gêneros web?. **Revista da ABRALIN**, [S. l.], v. 15, n. 3, 2017. Tradução por Érika de Moraes e Roberto Leiser Baronas. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1274>. Acesso em: 10 out. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução por Sírio Possenti. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008b.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução por Sírío Possenti [et al.]. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: UESP, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAES, Érika. A sintaxe do destacamento como elemento discursivo da contemporaneidade. **Revista Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 49, ed. 3, p. 1551-1568, dez. 2020.

MORAES, Érika. **Aplicativos de notícias, destacamento e efeitos de sentidos: representações internacionais sobre o Brasil (em UOL e Le Monde)**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

MORAES, Érika. Aplicativos de notícias e efeitos de sentidos: diferenças de destacamento. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 46, ed. 3, p. 826-836, 2017.

MORAES, Érika. Mídias sociais, identidade e autoria. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 41, ed. 3, p. 936-947, set-dez 2012.

MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso, In: MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Anna C. (org.) **Introdução à Linguística - domínios e fronteiras**. Vol 2. Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Hélio. A Pericongrafia discursiva. **Revista Polifonia**, Cuiabá, v. 26, n.43, p. 89-111, jul.-set 2019.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do Discurso Digital: Dicionário das formas e das práticas**. Tradução por Ana Carolina Vilela-Ardenghi [et al.]. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PÊCHEUX, Michael. Papel da Memória. In: ACHARD, P. e outros. **Papel da Memória**. Campinas: Editora Pontes, 1999 [1983]. p. 49-57.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Organização por Françoise Gadet, Tony Hak. Tradução por Betânia S. Mariani [et al.]. Campinas: Editora Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, Michel. Determinação, formação do nome e encaixe, In: **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução por Eni Pulcinelli Orlandi, Lorenço Chacon J.

filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 1995, p.95 – 103.

PRIMO, Alex. A cobertura e o debate público sobre os casos Madeleine e Isabella: encadeamento midiático de blogs, Twitter e mídia massiva. **Revista Galáxia**, São Paulo, n.16, p.43-59, 2008.

PRIMO, Alex. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Revista Intexto**, v. 2, n. 25, p. 130–146, 2011.

RECUERO, Raquel. “Deu no Twitter, alguém confirma?” Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. In: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 9., 2011, Rio de Janeiro. Artigo [...] Rio de Janeiro: SBPJor– Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2011. p. 1- 19.

RINGOOT, Roselyne. **Analyser le discours de presse**. Paris: Armand Colin, 2014.

ROCHA, Bernardo. **Siga o fio: As possibilidades da narrativa jornalística a partir da thread no Twitter**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 117. 2022.

SALGADO, Luciana Salazar. CLARES, Letícia Moreira. Publishing mediation and scientific articles: a study of injunctions and hiddenness in humanities. **Revista do GEL**, v. 14, n. 3, p. 29-58, 2017. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

SALGADO, Luciana Salazar. A dimensão algorítmica dos discursos ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais, In: ABREU-TARDELLI, Lília. GARCIA, Talita Storti. Ferreira, Anise de Abreu G. D'Orange. (org.) **Pesquisas em Linguagem: Diálogos com a contemporaneidade**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SILVA, Maurício Coelho [et al]. Divulgadores brasileiros LGTBQIA+ no Twitter: um estudo alométrico a partir de uma thread. In: **Fórum de estudos em Informação, Sociedade e Ciência**, 4., 2021, Porto Alegre. Artigo [...] Porto Alegre: UFRGS, 2021. p 1 - 11.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. *Revista USP*. São Paulo, n. 86, p. 28-39, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos do Jornalismo Impresso**. Porto: Editora Letras Contemporâneas, 2001.

SCHWINGWL, Carla. **Mídias digitais: produção de conteúdos para web**. SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação. São Paulo: Paulinas, 2012.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital: os desafios da leitura na nossa era**. Tradução por Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

ZAGO, Gabriela da Silva. O Twitter como fonte para o Jornalismo. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 10, n. 20, p. 51-65, 2011a.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Circulação e recirculação de narrativas do acontecimento no jornalismo em rede: A Copa do Mundo de 2014 no Twitter**. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 218. 2014.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Recirculação jornalística no Twitter: filtro e comentário de notícias por interagentes como uma forma de potencialização da circulação**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 204. 2011b.

ZAMIN, Ângela. Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 918-942, set.-dez. 2014